

“No longer a European observer”: Exílio, cinema e crítica cultural na escrita jornalística de Siegfried Kracauer

Jéssica Pereira Frazão¹

Rubens Machado Junior²

Resumo

O artigo tem por objetivo analisar o ensaio *Why France Liked Our Films* (1942), do intelectual judeu-alemão Siegfried Kracauer, publicado na *National Board of Review Magazine*, a mais antiga revista sobre cinema dos Estados Unidos. Com grande experiência no jornalismo, Kracauer trabalhou durante anos na posição de editor do influente jornal alemão *Frankfurter Zeitung*, ocupando-se da coluna destinada ao *feuilleton*. Várias publicações em periódicos estadunidenses de Kracauer, em exílio no país desde 1941, ilustram algum aspecto do fenômeno migratório. Desse modo, sua escrita jornalística permite observar, dentro de um contexto cinematográfico, aspectos de renovação das suas referências espaciais e socioculturais, num processo que envolve e atinge o próprio cerne da sua construção identitária.

Palavras-chave: Exílio. Siegfried Kracauer. Cinema.

“No longer a European observer”: Exile, cinema and cultural criticism in Siegfried Kracauer’s journalistic writing

¹ Doutoranda pelo Programa de Pós-Graduação em Meios e Processos Audiovisuais da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo (ECA/USP), na linha de História, Teoria e Crítica. É membro do Grupo de Pesquisa História da Experimentação no Cinema e na Crítica (ECA-USP) E-mail: jessicafraza@usp.br

² Professor Titular em Análise e Crítica Audiovisual, no CTR/ECA-USP, Departamento de Cinema, Rádio e Televisão da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo. Doutor pela Escola de Comunicação e Artes (ECA/USP). E-mail: noar@usp.br

Abstract

The article aims to analyse the essay *Why France Liked Our Films* (1942), written by the Jewish-German intellectual Siegfried Kracauer, and published in the *National Board of Review Magazine*, the oldest cinema magazine in the United States. With extensive experience in journalism, Kracauer worked for years as editor at the influential German newspaper *Frankfurter Zeitung*, running the feuilleton column. Several publications from Kracauer in American periodicals, in exile in USA since 1941, illustrate some aspect of the migratory phenomenon. In this sense, his journalistic writing proposes elements that allow us to observe, within a cinematographic context, aspects of his spatial and socio-cultural references, in a process that involves and reaches the centre of his identity construction.

Keywords: Exile. Siegfried Kracauer. Cinema.

Introdução

Os termos “Interdisciplinaridade” e “transdisciplinaridade”, hoje, frequentemente utilizados nas humanidades, nas universidades e nos centros de pesquisa, há tempos constitui o trabalho kracaueriano. Siegfried Kracauer, jornalista, um dos articuladores do que na atualidade se conhece por Teoria Crítica, crítico da cultura, escritor, ensaísta, romancista, sociólogo, filósofo, teórico e crítico de cinema, é geralmente conhecido por seus livros do campo cinematográfico: *De Caligari a Hitler: Uma história psicológica do cinema alemão* (1988) e *Theory of Film: The redemption of physical reality* (1997). Sua extensa atividade como jornalista, entretanto, é não somente fundamental para compreensão do conjunto de suas reflexões, como a que melhor dialoga com aspectos socioculturais da sua condição migratória, foco da nossa análise. Localizamos, desse modo, seu trabalho jornalístico entre pré e pós-exílio, sendo, o primeiro, fortemente marcado pela frutífera atividade crítica à época da República de Weimar (1919-1933), e o segundo, voltado ao exílio (1933-1966), em que considerações sobre trauma, cultura, língua, deslocamentos transnacionais, mobilidade humana e pertencimento farão parte do escopo.

Por conta da expansão do Nazismo, Kracauer se exilou, em um primeiro momento, na França (1933-1941), contribuindo com resenhas e críticas de cinema em jornais suíços e franceses, tais como *Basler National-Zeitung*, *Neue Zürcher Zeitung*, *Revue du Cinema*, *Mercure de France*, *La vie Intellectuelle* e *Figaro*. Após quase uma década, se exilou definitivamente nos Estados Unidos, até seu falecimento, em 1966. Nesse tempo,

publicou em jornais e revistas estadunidenses, a exemplo do *Harper's*, *Public Opinion Quarterly*, *Theater Arts*, *Partisan Review* e o influente *Commentary*. Ainda que dialogasse com um número significativo de leitores, suas contribuições eram sempre esporádicas. Não houve, por parte dos periódicos, qualquer proposta de posição mais estável, o que, conseqüentemente, “levou o Kracauer exilado a assumir uma variedade de tarefas que surgiram em seu caminho” (ISENBERG, 2012, p. 29).

Foi para a *National Board of Review Magazine*, a mais antiga revista sobre cinema dos Estados Unidos, que Kracauer fez, então, uma das primeiras contribuições em língua inglesa. Desse modo, o objetivo deste artigo é analisar justamente este ensaio, *Why France Liked Our Films* (1942), uma vez que, além de cotejar duas cinematografias, a estadunidense e a francesa, apresentando dados importantes de produção e recepção cinematográficas, envolve o leitor médio também pelo caráter informativo e de mediação do texto, dentro do jornalismo cultural do período. Além disso, a interseção entre Jornalismo e Migrações, contemplada aqui pelo criticismo cultural do jornalismo estadunidense, representa uma parte significativa da trajetória de vida de Kracauer.

Cabe ressaltar, ainda, a importância da crítica jornalística nos veículos impressos, que, por vezes, foi subestimada ou diminuída dentro do ofício jornalístico, como nos chama a atenção Daniel Piza (2003). Para o autor, “Com o passar do tempo, especialmente na segunda metade do século XX, a crítica começou a ocupar mais e mais espaço nos grandes jornais diários e revistas de notícias semanais, na chamada grande imprensa” (PIZA, 2003, p.28). Representativa dos “meios de comunicação de massa”, tais indicações inserem a crítica jornalística nos debates voltados ao conceito de Indústria Cultural³ (*Kulturindustrie*). Apesar de também atuante na Teoria Crítica da chamada Escola de Frankfurt, contribuindo no âmbito de crítica cultural, Siegfried Kracauer esteve um tanto à margem dos outros integrantes. Como veremos, do seu processo migratório, o ganho e as disseminações em termos de visibilidade se fizeram distintos aos dos colegas frankfurtianos.

³ Termo cunhado em 1947 por Theodor Adorno e Max Horkheimer, presente na *Dialética do Esclarecimento*. In: ADORNO, Theodor; HORKHEIMER, Max. *A dialética do esclarecimento*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1995.

O aprendizado pelo *feuilleton*

Narrativa literária dentro do jornal, o *feuilleton*, conhecido no Brasil como folhetim, surgiu em 1836, na França, com primeira publicação no rodapé de uma das páginas do jornal francês *La Presse*, fundado por Émile de Girardin. Aos poucos, teve seu espaço de publicação na imprensa periódica ampliado, dentro de um movimento ligado diretamente à literatura de massa. Este particular modo de produção, criação e publicação é “uma história que acompanha a das classes populares” (MEYER, 1996, p. 417). Ainda que, no início, exercesse o cultivo ao beletismo, o *feuilleton* transformou-se rapidamente em uma espécie de diagnóstico do contemporâneo, sendo elaborado de diversas formas, principalmente pequenas narrativas ficcionais e não-ficcionais, como fofocas, pequenos textos sobre literatura, moda e crítica de arte, crônicas, charadas, epigramas e ensaios críticos. O gênero também exerceu grande influência no periodismo alemão, com destaque para o jornal *Frankfurter Zeitung*⁴.

Kracauer, estabelecendo familiaridade com o gênero, durante o período conhecido como República de Weimar⁵ foi responsável por fazer a coluna do *feuilleton* ganhar popularidade entre os leitores do jornal. De linha editorial liberal, o FZ teve importância significativa no percurso inicial do autor, além de ser um dos mais prestigiados periódicos da época. Pela observação dos fenômenos urbanos e marginais da sociedade em que se inseria, Kracauer interpretava minuciosamente as extrações que fazia, dos fragmentos da realidade. Na qualidade de observador (*flâneur*), admitia “a existência de um trabalho de construção e o uso de técnicas literárias na representação do material” (THÉRIAULT, 2017, p.4). Kracauer, nas palavras de Adorno:

Determinou por mais de dez anos a linha completa de política cultural desse influente jornal com seus artigos sobre temas filosóficos e políticos. Recebeu reconhecimento especialmente por suas críticas de arquitetura e imagens em movimento. Obteve um conhecimento minucioso do terreno do filme como um todo por conta de uma pesquisa extensa e colaboração prática com a

⁴ A partir deste ponto, utiliza-se a sigla FZ como referência ao *Frankfurter Zeitung*.

⁵ Designação histórica para o estabelecimento da República, na Alemanha, do fim da Primeira Guerra Mundial até a ascensão do Nazismo (1918-1933). Ainda que se estabeleça como um período turbulento, de contradições e crises, RICHARD (1988, p. 11) comenta que na República de Weimar havia: “Ensino, sexualidade, arquitetura, teatro, cinema, (...) realizações e experiências em todos os domínios!”. O *feuilleton*, assim, buscava retratar a grande efervescência cultural e intelectual desta fase.

indústria e, finalmente, foi considerado a maior autoridade de crítica cinematográfica da Alemanha. (ADORNO, 2008, p.420)

Quando foi contratado pelo FZ, Kracauer ficou responsável, inicialmente, pelas críticas de cinema, enquanto outros colaboradores se ocuparam de comentar sobre teatro, literatura e viagens. Foi com essa disposição que o jornal publicou, em primeira página, inúmeros ensaios e romance-folhetins sob o cuidado de Brecht, Döblin, Kisch, Musil e Roth, paralelamente à seção destinada à economia e política. Ao optar pela separação das colunas do *feuilleton*, em rodapé, e as demais na parte superior, subtendia-se que a primeira era considerada algo diminuto, contudo, por servir-se de um material que trata das coisas “pequenas”, cotidianas, das observações e materialidades do contemporâneo, estes escritos foram suficientemente relevantes para os leitores do periódico. (THÉRIAULT, 2017).

Sobre a estrutura dos *feuilletons*, Schidt-Lux e Thériault (2017) comentam que o modo com que Kracauer trabalhava suas críticas partia, por vezes, de explanações analíticas aproximadas do objeto e, outras vezes, por perspectiva teórica, mas, sempre abarcando-se da vida urbana. Uma das principais preocupações do escritor era justamente criticar filmes que insistiam na “fuga da realidade”, tirando a atenção das pessoas sobre a situação em que a Alemanha se encontrava. Como marxista, a importância de um cinema “realista” era-lhe primordial, e suas críticas serviam de testemunho dos dramas de “gente pequena”, envoltos de crítica social. Por conta da sua atividade longínqua como jornalista, o teórico alemão cercou-se de “muitos dos debates, polaridades e tensões, fomentadas tanto nos domínios da simbolização e das ideias, como nos domínios da política e da economia, da vida social alemã durante os legendários anos 1920” (SANTOS, 2014, p.5). O método, a estilística e o contexto histórico dos *feuilletons* constituem, dessa maneira, uma rica base de investigação para as Ciências Humanas e para a Comunicação.

Numa das mais poderosas sequências do *feuilleton* do FZ, Kracauer promoveu uma profunda reflexão sobre a ascensão da classe de empregados (*Angestellten*) na Alemanha, em doze textos publicados progressivamente⁶. Segundo Santos (2014, p.126),

⁶ Os textos sobre os empregados (*Angestellten*) foram condensados em formato de livro pouco tempo depois da publicação no jornal. A tradução recente da obra *Die*

“Kracauer via com grande preocupação o surgimento de um grande número de empregados que, desde muito cedo, pareceu-lhe exposto aos perigos de discursos fascistas, justamente por não se configurar sob uma identidade de classe”⁷. O autor, muito próximo do conceito de “falsa consciência” expandido por Georg Lukács (2012), dizia que os empregados são, portanto, proletários que vendem sua força de trabalho, mas que, pela forma diversificada da relação com o trabalho e por obter alguns privilégios advindos da classe dominante, favorecem o distanciamento com outros grupos proletariados, buscando um *status* elitista que não lhes pertence. Sua crítica à classe de posição intermediária na República de Weimar continua bastante atual.

O Exílio nos Estados Unidos e a renúncia da língua alemã

Após um longo período de exílio na França, Kracauer e sua esposa Lili se viram forçados a um novo exílio, em virtude da derrota francesa pelas tropas alemães e estabelecimento do regime de Vichy. Na véspera de embarcar no navio a vapor Nyassa, que deixaria Lisboa rumo aos Estados Unidos, no dia 15 de abril de 1941, Kracauer escreveu, em carta, para seu amigo Theodor Adorno: “É horrível chegar como chegaremos – depois de oito anos de uma existência que não merece o nome. Eu envelheci, também dentro de mim.... Eu chegarei pobre, mais pobre do que nunca” (KRACAUER, 2008, p.427). Implorando por ajuda de Adorno e de outros amigos à época do Instituto para Pesquisa Social, Kracauer é cético: “Agora chega a última estação, a última chance, que não devo jogar fora” (KRACAUER, 2008, p.427).

Kracauer se esforçou em fazer dos Estados Unidos um território familiar. Com essa “última chance”, certamente também pela sua experiência textual nos anos da República de Weimar, construiu um panorama crítico cultural engajado. No novo continente, fez sua vida entre visitas ao MoMa (Museu de Arte Moderna), salas de cinema, projetos de pesquisa e bibliotecas, acostumando-se à vida nova iorquina. Pouco tempo depois da sua chegada nos Estados Unidos, já havia publicado uma crítica curta

Angestellten (Os empregados), para o português, foi feita pela editora Antígona (2015), de Portugal.

⁷ Em alemão, a palavra *Angestellte*, como explica Santos (2014, p. 186), faz referência a profissões como: “telefonista, secretárias e funcionários de escritórios em geral, estenotipista, vendedor, datilógrafo, empregado do setor de transporte etc.”

referente ao filme de animação *Dumbo*, lançado em 23 de outubro de 1941, produzido pela Walt Disney Productions.

Além das publicações periódicas, com a idade de 52 anos, fez seus trabalhos mais substanciais, ambos escritos e publicados em língua estrangeira: Um ensaio incontornável sobre o cinema alemão do período entreguerras, *De Caligari a Hitler: Uma história psicológica do cinema alemão* (1988); E uma contribuição teórica sobre a dimensão ontológica do cinema, em *Theory of Film: The redemption of physical reality* (1997). Para um público anglófono, desacostumado à forma e ao conteúdo kracaueriano em língua alemã, o que ele escrevia era, além de original, inédito. Desse modo, Kracauer foi o único representante da Teoria Crítica a desenvolver maestria no terreno do filme.

Por adaptar-se rapidamente à escrita em inglês, Adorno faz uma crítica ao amigo Kracauer, no ensaio *O curioso realista* (2009), apontando que o problema da renúncia da língua alemã⁸, segundo ele, demonstra uma traição à verdadeira vocação e coragem literária. Desde o seu primeiro ano nos Estados Unidos, Kracauer, abdicou do alemão. Sobre isso, Adorno (2009, p.16) menciona: “Pena que Kracauer, em seus anos de maturidade, sob o constrangimento de escrever em inglês, sem dúvida, também por indignação contra o acontecido, tenha praticado uma ascese de sua própria arte da linguagem, que é indissociável do alemão” De um modo de ser subjetivo, a escrita em alemão desponta para aspectos de sua escrita como um espaço autobiográfico próprio da formação e da experiência, não possíveis, segundo Adorno, em língua estrangeira.

O aspecto da língua é uma das condições formais que confronta um forasteiro em adaptação. Nas proposições de Georg Simmel, em ensaio escrito há mais de um século⁹, o conceito de estrangeiro (*Fremde*) sugere questões mais além da noção de localidade. Se expressa também em níveis psicossociais, em constituição mais profunda das relações e interações com os membros do grupo. Não se trata de um “viajante que chega hoje e parte amanhã, porém mais no sentido de uma pessoa que chega hoje e amanhã

⁸ Diferentemente de Adorno, Max Horkheimer elogiou explicitamente Kracauer, por manter “seu estilo antigo, sóbrio como também carregado de alusões, que suporta muito melhor a transferência para o inglês do que o de Teddie (Adorno) ou meu próprio modo de expressão” (Carta de 1º de Maio de 1943. In: “Der Riß der Welt geht auch durch mich”. ADORNO, Theodor e KRACAUER, Siegfried. Briefwechsel 1923-1966. Org. Wolfgang Schopf. Frankfurt a. M.: Suhrkamp, 2008, p. 433).

⁹ Trata-se do ensaio “O estrangeiro” (1908, *Exkurs über den Fremden*). Ver: SIMMEL, George. O estrangeiro. In: MORAES FILHO, Evaristo (org.), George Simmel: sociologia. São Paulo, Ática, 1983.

fica” (SIMMEL, 1983, p.182). Preocupado com os aspectos sociais advindos da Metrópole, Simmel observava a Berlim de seu tempo, atento às dimensões espaciais, sociais e simbólicas dos sujeitos em local não originário.

Kracauer, em consonância com as ideias de Simmel, nos parece ele próprio a exemplificação da figura do estrangeiro. Isso ocorre porque ele permaneceu à margem, tanto na França quanto nos Estados Unidos, no tocante às composições centrais da coletividade de destino. De acordo com Mülder-Bach (2012, p.281), “Kracauer não apenas ocupa a mesma posição estrutural que o estrangeiro de Simmel - posição que Simmel define como uma síntese paradoxal de proximidade e distância, (...) ele também herda, ou procura herdar, o privilégio cognitivo que deriva dessa posição”. Assim, embora tenha feito esforços para um reconhecimento, alcançando certo prestígio dentro dos estudos de cinema, o nome de Kracauer é constantemente esquecido dentre aqueles que contribuíram com a Teoria Crítica.

Tais implicações podem ser lidas sob a ótica da inserção do sujeito no mundo, em formulações próximas as trabalhadas por Michel de Certeau (1998, p.201), quando se refere à noção de lugar enquanto “uma condição social de estabilidade”. O conceito de *extraterritorialidade*, “dentre as preocupações principais que seguiu Kracauer durante sua carreira, a ideia de desabrigo, ou exílio, ou falta de centro” (ISENBERG, 2012, p.33), foi denominado por ele como uma condição permanente e recorrente, provocando um embate de sua própria tentativa de estabilização.

Em artigo referente aos aspectos da vida extraterritorial de Kracauer, Martin Jay (1986) pontua que isso se dava não apenas pela dificuldade que ele tinha com a fala, afastando-o da atividade do ensino nas universidades e em outros locais dotados de estabilidade, mas também, por outros traços pouco usuais que o separaram dos seus pares. Em comentário à carta de Kracauer a Theodor Adorno em 8 de novembro de 1963, cuja primeira menção ao termo aparece, Jay (1986, p.153) percebe que “a marginalidade, a alienação, o não-pertencimento (*outsiderness*) estão entre as obsessões comuns dos intelectuais desde a época de Rousseau”, mas que poucos, como Kracauer, teriam conseguido lidar positivamente com suas próprias marginalidades.

Ciente destes aspectos, a historiadora do cinema Miriam Hansen (2009) reforça dois aspectos voltados às evidências constitutivas do exílio em Kracauer: utilizar a cultura de massa como objeto característico, e relacionar-se com este objeto, “pela construção dos fenômenos de cultura de massa na tensão entre distanciamento crítico e experiência

peçoal” (HANSEN, 2009, p.10). Para a autora, essa discussão implica, inclusive, na forma com que os críticos de Kracauer, principalmente àqueles não familiarizados com seus escritos em alemão, interpretam limitadamente o autor alemão, em especial à leitura que fazem de *Theory of film* (1997).

“No longer a european observer”: escrevendo em língua estrangeira

Com estilo acessível, Kracauer utiliza sua experiência em escrever sobre cultura popular para dialogar com o público leitor. *Why France Liked our Films*, publicado em maio de 1942 na *National Board of Review Magazine*, refere-se a um dos primeiros escritos da trajetória de Kracauer enquanto ensaísta e jornalista nos Estados Unidos. Depois de retomar alguns filmes que ele havia assistido na França entre 1933 e 1941, o ensaio parte do seguinte questionamento: O que um observador europeu inteligente poderia aprender sobre o *American way of life*, a partir dos filmes estadunidenses? As impressões pessoais trazem o tom subjetivo com que Kracauer pretende guiar nossa leitura, uma vez que ele é, nesta recém fase de exílio, o próprio “observador europeu inteligente”, que intenta o aprendizado por meio dos filmes estrangeiros.

Ao intencionar um comparativo das cinematografias francesa e estadunidense do período, este texto fornece, além de raras impressões voltadas à cidade de Nova York, à recepção dos filmes e à vontade de transformação do indivíduo migrante em cidadão estadunidense (situação que ocorreria, de fato, após cinco anos), também uma sistematização de certos aspectos do pensamento kracaueriano do início da década de 1940, que permaneceria latente até sua última obra teórica, *Historia* (2010).

“Why France Liked Our Films” não apenas coloca a teoria realista do cinema em diálogo com a teorização da cinematografia nacional que definiria *From Caligari to Hitler*, mas também esboça a nova posição para empreender neste novo projeto – depois da tragédia do suicídio de Benjamin, depois da angustiante fuga da França, e dentro do contexto da sua ainda incerta existência em Nova York. (VON MOLTKE; RAWSON, 2012, p.6)

Nas palavras de Kracauer (2012, p.35), existe um “senso de realismo nos filmes estadunidenses que atraem o espectador europeu”, diferentemente da cinematografia francesa, que peca em oferecer detalhes materiais ao produzir “filmes não-cinemáticos” (*noncinematic films*), “filmes sem movimento” (*films lacking movement*), com priorização

do uso do diálogo em detrimento dos fragmentos do cotidiano. Em outros termos, o cinema estadunidense era vívido em expressão material, preocupando-se com a matéria daquilo que o próprio Kracauer dedicou uma vida inteira, desde os anos na República de Weimar: dar importância aos fenômenos urbanos, cotidianos e marginais da sociedade em que estava inserido. Aqui, o ensaio apresenta argumentos voltados a pensar o cinema como possibilidade histórica de revelação da materialidade das coisas, condição que será mais bem elaborada em seus livros sobre cinema, publicados posteriormente.

A importância conferida “às produções tão realistas, tão autênticas, tão visualmente convincentes” (VON MOLTKE; RAWSON, 2012, p.6) é ressaltada nas menções aos filmes como possibilidade de ensaios visuais e como substitutos sociológicos de referência do cotidiano. Exploram, por vezes, a construção, imensidão e movimento das cidades, de forma que são os planos de fundo, em vez das próprias narrativas, os principais agentes de expressão e de informação na tela.

Para aprofundar essa reflexão sobre o cinema e o cotidiano das metrópoles, podemos traçar um paralelo entre as experiências de Kracauer e as de Walter Benjamin. Comentando as descrições de cidades estrangeiras nos textos de Benjamin nos anos 20, por exemplo, em alusão às de sua Berlim natal, escritas na década seguinte sobre a sua infância, Peter Szondi cita uma passagem do próprio Benjamin num artigo de 1929:

“O estímulo epidérmico, o exótico, o pitoresco atingem só o estrangeiro. Bem outra, e mais profunda, é a inspiração que leva a representar uma cidade na perspectiva de um nativo. É a inspiração de quem se coloca no tempo em vez do espaço. O livro de viagens escrito pelo nativo terá sempre afinidade com o livro de memórias: não foi em vão que ele viveu naquele lugar a sua infância.” (BENJAMIN, 1929, apud SZONDI, 1971, p.101)

Tal como Benjamin, Kracauer, em suas observações sobre a nova cidade, pouco a pouco torna-se um participante deste novo espaço, sem, contudo, abandonar suas memórias de não-nativo. É a partir deste olhar que Kracauer fará suas interpretações. Para Hansen (2009), há em Kracauer, assim como em Freud, uma atenção detalhada até mesmo para os pormenores mais insignificantes, por acreditarem que tudo exigia interpretação. Para Kracauer, todos os filmes estadunidenses revelam “o direto e realístico jeito em que os estadunidenses sentem, pensam e se comportam”. (KRACAUER, 2012, p. 36). A seriedade e atenção, portanto, com que o teórico

compreende a matéria banal e corriqueira é uma formulação-chave de todo seu pensamento, e ganha nuances num momento em que Kracauer se torna, para além de jornalista e ensaísta, um teórico do cinema, longe do seu país de origem, em um movimento que dominava o cenário intelectual da sua geração.

É por essa chave interpretativa que *Why France Liked our Films* apresenta as primeiras impressões de um recém-chegado aos Estados Unidos. Sabemos, entretanto, que estas mesmas impressões não seriam sustentadas pelo próprio Kracauer, pouco tempo depois. Em leitura subsequente, menos apressada, o autor passa a valorizar não mais o cinema hollywoodiano, mas sim o neorealismo italiano, pelas experiências físicas das obras. A valorização do cinema hollywoodiano, em um primeiro momento, nos parece ter tido ligação com a própria vontade de aceitação que ele buscava em relação ao seu trabalho epistemológico no exílio, aliviando o sentimento confuso da instabilidade e incerteza pela transformação territorial.

No ensaio, Kracauer menciona, rememorando suas idas às salas de cinema francesas, que o único instante em que um observador europeu pode fazer um julgamento sobre a validade das imagens do *American Way of Life* é no momento *de chegada* do estrangeiro ao país:

Como recém-chegado, ele ainda está totalmente conectado ao Velho Mundo e, portanto, pode comparar suas novas impressões em solo americano com as imagens em sua mente. Essas primeiras impressões são bastante superficiais; mas, infelizmente, quanto mais ele consegue aprofundá-las, mais ele é incapaz de verificar aquelas trazidas da Europa. (...) O recém-chegado se estabelece nos Estados Unidos e logo, os contatos com os costumes deste país são íntimos demais para permitir reflexões desapaixonadas sobre a vida americana. Toda a perspectiva muda. Ele está envolvido nessa vida e suas reações não são mais as de um espectador, mas de um participante. (KRACAUER, 2012, p. 39)

Kracauer nos traz pistas, ao longo do texto, de sua autoanálise sobre a transição de observador para participante, modificação explicitada desde o seu primeiro encontro em solo americano, ainda na chegada ao porto de Nova York, quando diz que “a estranha sensação de já ter visto tudo isso começou a crescer sobre mim” (KRACAUER, 2012, p.40). Sua construção de alteridade, nesse primeiro momento, reverberava na observação do cenário urbano da cidade, na linha do horizonte, na Estátua da Liberdade, nas pessoas, casas e avenidas, tudo isso se assemelhava aos filmes que via nas salas

cinemas da França e da Alemanha. Parecia que “a própria tela havia entrado em existência tridimensional”, em que “todas as coisas que preencheram o cenário de centenas de filmes americanos provaram ser verdadeiras” (KRACAUER, 2012, p.40).

Ao mesmo tempo, a mudança de perspectiva é vista criticamente, ao revelar aspectos da realidade do país que só um agente participante perceberia, mas que o cinema falha em capturar. O “realismo”, portanto, ocorre apenas “no momento de chegada neste país”, e que, *a posteriori*, não se sustenta na tela. A condição paradoxal é observada por Mülder-Bach (2012, p. 277) da seguinte forma: Antes, “os espectadores carecem da possibilidade de comparação porque ainda não obtiveram nenhuma imagem da realidade americana”. Passando esse momento, “a realidade não é mais uma imagem, mas se transforma em uma experiência vivida - a pessoa que está comparando não é mais um espectador ou observador, mas um participante”.

Em sua conclusão, vemos a mesma estrutura do início do ensaio, mas deslocando, portanto, a lógica de observador para participante, Kracauer (2012, p.40) adverte que “não é mais um observador europeu [*no longer a european observer*] quem está fazendo estas observações”. Com isso, Kracauer não quer falar de realidades diferentes, uma para o observador e outra para o participante. Em vez disso, concordamos com o comentário de Mülder-bach (2012, p.279), quando interpreta que “os filmes atribuem aos espectadores a posição de estrangeiro”, porque tendem a coincidir com a imagem colhida pelo forasteiro na própria realidade. Se trata de filmes que sugerem, orientam e reforçam um imaginário.

Considerações finais

Como esboçado nas linhas anteriores, o percurso Alemanha-França-Estados Unidos possibilitou uma entre as diversas possibilidades de cotejar o trabalho multifacetado de Kracauer. Ele não cometeu um suicídio, como Benjamin, mas o ato de imigrar não significou, em qualquer hipótese, que este deslocamento tornasse sua vida menos difícil. Neste artigo, os esforços feitos foram no sentido de demonstrar como o exílio, ou a condição exilada, de algum modo, sempre refletiu em seu trabalho, desde 1933. Dentre as possibilidades de acesso ao seu pensamento, destacamos alguns aspectos da sua escrita jornalística para observar as marcas permanentes da sua *vida extraterritorial*. Isso representa, segundo Jerry Zaslove (2005), uma transição

kracaueriana do Marxismo para a entrada no mundo da crítica cultural, da experiência (*Erfahrung*), em que “escritos desterritorializados” estão muito ligados à ideia de diáspora.

Dentro do campo dos estudos migratórios, o jornalismo, como vimos, possui um lugar cativo, dado que atua, muitas vezes, como um primeiro meio de expressão do exilado no novo país, dando-lhe voz e oportunidade. As narrativas jornalísticas que se atentam para a memória do exílio, ilustrando as complexas dinâmicas de visibilidade e reconhecimento desses processos migratórios, corroboram com questões importantes e presentes na nossa cultura. Continuam inspiradores os escritos jornalísticos de Kracauer, pela reflexão sociológica, pelo diálogo interdisciplinar, pela liberdade na forma e no conteúdo, pelo ensaísmo e lirismo, pela facilidade de alteração de distanciamento impessoal em vivência pessoal, mas, especialmente, pela experiência compartilhada da expatriação, junto a todas as nuances das referências espaciais e socioculturais reestabelecidas.

Referências

ADORNO, Theodor. O curioso realista. **Revista Novos Estudos Cebrap**. nº. 85. Vol. 28, Nov. 2009.

_____; KRACAUER, Siegfried. **Briefwechsel 1923-1966**. Organizado por Wolfgang Schopf. Frankfurt a. M.: Suhrkamp, 2008.

_____; HORKHEIMER, Max. **A dialética do esclarecimento**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1995.

BENJAMIN, Walter. “Die Wiederkehr des Flaneurs”. In: HESSEL, Franz. Spazieren in Berlin, “Die literarische Welt”, v, nº40, 4/10/1929. Apud: Szondi, Peter. “Nota”. In: BENJAMIN, Walter. **Immagini di città**. Turim: Einaudi, 1971.

DE CERTEAU, Michel. **A invenção do cotidiano: artes de fazer**. Petrópolis: Vozes, 1998.

HANSEN, Miriam. Perspectivas descentradas. In: KRACAUER, S. **O Ornamento da Massa**. Tradução: Carlos Eduardo Jordão Machado e Marlene Holz. São Paulo: Cosacnaify, 2009.

ISENBERG, Noah. This Pen for Hire: Siegfried Kracauer as American Cultural Critic. In: GEMÜNDEN, Gerd; VON MOLTKE, Johannes. **Culture in the Anteroom: The Legacies of Siegfried Kracauer**. Michigan: University of Michigan Press, 2012.

JAY, Martin. The extraterritorial life of Siegfried Kracauer. In: **Permanent Exiles**. Essays on the intellectual migration from Germany to America. Nova York: Columbia University Press, 1986.

KRACAUER, Siegfried. **De Caligari a Hitler: Uma história Psicológica do Cinema Alemão**. São Paulo: Paz e Terra, 1988.

_____. **Theory of Film**. Princeton, Oxford: Princeton University Press, 1997.

_____. **Historia**. Las últimas cosas antes de las últimas. Tradução: Guadalupe Marando e Agustín D'ambrosio. Buenos Aires, Las Cuarenta, 2010.

_____. **Os empregados**. Lisboa: Antígona, 2015.

_____; VONMOLTKE, Johannes; RAWSON, Kristy. **Siegfried Kracauer's American Writings: Essays on Film and Popular Culture (Weimar and Now: German Cultural Criticism)** California: University of California Press, 2012.

LUKÁCS, György. **História e consciência de classe**. 2ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2012.

MEYER, Marlyse. **Folhetim: uma história**. São Paulo: Companhia das letras, 1996.

MÜLDER-BACH, Inka. The Exile of Modernity: Kracauer's Figurations of the Stranger. In: GEMÜNDEN, Gerd; VON MOLTKE, Johannes. **Culture in the Anteroom: The Legacies of Siegfried Kracauer**. Michigan: University of Michigan Press, 2012.

PIZA, Daniel. **Jornalismo Cultural**. São Paulo: Contexto, 2003.

RICHARD, Lionel. **A República de Weimar (1919-1933)**. Tradução: Jonatas Batista Neto. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.

SANTOS, Patrícia. **Siegfried Kracauer: sociologia e superfícies**. Escritos até 1933. Tese (Doutorado em Sociologia) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo. São Paulo, 2014.

SCHMIDT-LUX, Thomas; THÉRIAULT, Barbara. Siegfried Kracauer, sociologue de la culture. **Sociologie et sociétés**, Montréal, V. 49, N. 1, p. 275–281, Printemps, 2017.

SIMMEL, Georg. O estrangeiro. In: MORAES FILHO, E. (Org.). **George Simmel: sociologia**. São Paulo: Ática, 1983.

THÉRIAULT, Barbara. The Feuilleton. Biography of a Genre Inspired by Siegfried Kracauer., **Trivium**. Paris, V. 26, 2017. Disponível em: <journals.openedition.org/trivium/5503>. Acesso em: 10/4/2020.

ZASLOVE, Jerry. The Reparation of Dead Souls"—Siegfried Kracauer's Archimedean Exile—The Prophetic Journey from Death to *BILDUNG*. In: KETTLER, David; LAUER, Gerhard. **Exile, science, and Bildung: The contested legacies of German émigré Intellectuals**. New York, Palgrave Macmillan, 2005.